

DISCURSOS MACHISTAS NO MEIO ACADÊMICO COMO EXPLICITADOS PELO CASO TATIANE SPITZNER NO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CASCABEL

LARA, Pietro Augusto.¹
JESUS, Guilherme Henrique Ceccatto de.²
VIEIRA, João Gabriel.³
BRAGA, Margarete Aparecida Nath.⁴

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo mor a análise de discursos proferidos por um grupo de alunos de Direito do Centro Universitário de Cascavel numa conversa da rede social WhatsApp, embasando-se nos pressupostos da Análise do Discurso francesa. Os referidos discursos ativam uma memória discursiva já antiga, onde a mulher é marginalizada socialmente. As Formações Discursiva e Ideológica em que esses discursos se apresentam são pautadas numa tradição machista e patriarcal, que data os primórdios da civilização ocidental e que é fomentada pelos dogmas judaico-cristãos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, memória discursiva, machismo, patriarcalismo, formação ideológica.

1. INTRODUÇÃO

Desde sua gênese, a análise do discurso tem sido um campo do conhecimento humano que visa compreender a língua enquanto discurso, ou seja, a língua em movimento, levando em consideração a sua exterioridade. Os discursos, por serem discursos, estão compreendidos dentro de uma formação discursiva que carrega concomitantemente uma formação ideológica, sendo essas perceptíveis ou não aos sujeitos que discursam.

Os sujeitos possuem controle absoluto dos seus próprios discursos, visto que estes ativam sempre uma memória discursiva, retomando o já dito e já discursado por outros sujeitos, em outros momentos históricos, sobre outras formações

¹Aluno do curso de graduação em Letras, Centro Universitário FAG. 5º período. E-mail: pietroalara@gmail.com.

²Aluno do curso de graduação em Letras, Centro Universitário FAG. 5º período. E-mail: joaogavieira@hotmail.com.

³Aluno do curso de graduação em Letras, Centro Universitário FAG. 5º período. E-mail: guilhermececcatto@outlook.com.

⁴Docente do curso de Letras, Centro Universitário FAG. E-mail: margabraga@yahoo.com.br

discursivas e ideológicas. Muitas vezes, o não-dito diz mais do que o dito, o não discursado compreende o núcleo do próprio discurso. Portanto, ao realizar a análise de qualquer discurso, deve-se buscar no interdiscurso outros contextos ou discursos, para que se possa alcançar um entendimento mais amplo e do que foi dito, permitindo ir além da superficialidade.

Amparando-se então nos conceitos da Análise do Discurso acima apresentados, o objetivo deste trabalho é analisar os discursos presentes em uma conversa da rede social *WhatsApp* em um grupo de acadêmicos de Direito do Centro Universitário de Cascavel (UNIVEL), publicadas pelo site de notícias CGN, no dia 16 de agosto de 2018. As conversas fazem menção ao caso Tatiane Spitzner, que foi assassinada por seu marido no dia 22 de julho de 2018 na cidade de Guarapuava. As mensagens expostas no grupo logo chamaram a atenção por estarem permeadas de discursos que foram considerados machistas e que desconsideravam a gravidade do crime ocorrido.

Para realização desta análise, foram buscados casos análogos ao acima mencionado, objetivando-se uma visão mais ampla sobre os discursos machistas dentre acadêmicos. Para tanto, foram utilizados também: o caso de discursos machistas em grupos de *WhatsApp* de acadêmicos de Engenharia Civil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), noticiados pelo mesmo site de notícias (CGN) após a repercussão do caso da Univel; o caso de uma foto publicada na rede social *Instagram* por acadêmicos de Direito da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que fazia alusões ao membro sexual feminino; e, finalmente, o caso ocorrido durante a Copa do Mundo FIFA 2018 em Moscou, na Rússia, onde um grupo de homens, dentre eles um advogado, se reuniu em volta de uma cidadã russa bradando cantos de machismo e preconceito, visando assim mostrar o problema além dos contextos acadêmicos.

Pretende-se com esse trabalho aproximar os fundamentos teóricos da Análise do Discurso às práticas sociais que concretizam ideologias de preconceito por meio das redes sociais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DA ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso é um ramo da investigação linguística que propõe a análise da linguagem enquanto discurso, fazendo sentido na história e construída por um sujeito permeado de ideologia (ORLANDI, 2005).

Por discurso entende-se o percurso da linguagem até sua significação, ou seja, a “palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2005, p.15). O discurso consiste em compreender a língua no mundo, o uso da linguagem levando em conta sua exterioridade. Para a AD, a análise das formações ideológicas, econômicas, sociais, históricas e culturais que tangenciam o discurso são mais relevantes do que a análise estrutural da linguagem do texto, haja vista que, ao produzir, o sujeito não é um ser isolado, mas um sujeito de direito histórico construído pelo seu contexto (ORLANDI, 2005).

A preocupação com os fenômenos que transpassam a estrutura do enunciado é justificada ao compreender-se que os discursos, para significarem, precisam de um sujeito que está presente na história. Orlandi afirma que, de acordo com Pêcheux, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (2005, p.17). Destarte, é possível afirmar que no discurso encontra-se a materialidade da ideologia, já que os sentidos são produzidos pelos sujeitos e para os sujeitos, e não em regime díspar da realidade (ORLANDI, 2005).

Visando a proficuidade da análise proposta neste artigo, faz-se necessário elencar neste momento os principais pressupostos e conceitos trabalhados pela Análise do Discurso.

O discurso, como já discutido, corresponde ao caminho percorrido pela linguagem até sua significação. Este caminho, no entanto, não é linear como dispõe os elementos da Teoria da Comunicação de Jakobson. A esquematização emissor – mensagem – receptor pautadas num código a partir de um referente mostra-se insuficiente para a discussão da língua enquanto materialidade. Os processos de

significação ocorrem concomitantemente, num processo de interação entre sujeitos que se significam e ao discurso através de construções de identificação e subjetivação, levando em consideração não somente o que é dito, mas também o que não é dito – sendo essa segunda abordagem ainda mais rendosa à AD (ORLANDI, 2005).

A AD, ao objetivar a leitura que transpassa apenas o puramente estrutural, leva também em consideração a memória discursiva, isto é, busca os significados no já-significado. A memória discursiva, consoante a Orlandi, comprehende: “O saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (2005, p.31). Os discursos, embora aparentem significar independentemente, são sustentados por discursos anteriores ou paralelos a este. Este aspecto social e interativo do discurso denomina-se interdiscurso, ou seja, uma rede de ligações que, de acordo com o contexto imediato e amplo de um discurso, conecta os dizeres de diferentes sujeitos sob diferentes ideologias para a construção do significado (ORLANDI, 2005).

Os sujeitos não mantêm relação simbiótica com os discursos: os processos discursivos existem antes da intervenção do sujeito, que passa a ressignifica-los. Embora língua e a ideologia influenciem de maneira particular cada sujeito, nenhum deles é dono absoluto de seu discurso. Prova disso está na questão do esquecimento. Orlandi segue a lógica de Pêcheux, e aponta dois tipos de esquecimentos discursivos. Um deles é o esquecimento enunciativo, que se refere aos diferentes modos de discursar o que é discursado, mas que não foram aderidos pelo discurso. “Ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásísticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (ORLANDI, 2005, p. 35). Outro esquecimento é o ideológico, que resulta do modo com que o sujeito é afetado pela ideologia. Este esquecimento se refere à ilusão do sujeito de ser válvula propulsora de seu discurso, de ser a origem

do que é dito e significado, quando este está afetado pela formação ideológica da qual faz parte (ORLANDI, 2005).

Alicerçadores também para a AD são os conceitos de paráfrase e polissemia. De acordo com Orlandi, “é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. Daí consideramos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásicos e processos polissêmicos” (2005, p.36). A paráfrase se configura num retorno a espaços de dizer anteriores ao que está sendo dito, ou seja, na manutenção do dizível na memória. Já a polissemia baseia-se exatamente no movimento, ou seja, na ruptura dos significados. Afirma-se, portanto, que a linguagem é incompleta: os sujeitos, os sentidos e os discursos não estão prontos e acabados, passando sempre por um processo de revinda e quebra de dizeres anteriores num movimento da linguagem no materialismo da história. Provém daí os conceitos de produtividade e criatividade – enquanto a primeira diz respeito à repetição do já cristalizado na memória, a segunda se refere à quebra do cristalizado na memória (ORLANDI, 2005).

Faz-se necessário, neste momento, a conceitualização da linguagem num contexto discursivo. Os analistas do discurso compreendem a não-transparência da linguagem, ou seja, o que não é dito pode dizer mais do que o que é dito, e o que é dito pode significar menos do que o que não é dito. A discursividade implica também o materialismo histórico da linguagem. Diz-se portanto que a língua não funciona sozinha – embora seja regida por uma lógica interna própria, necessitando de um sujeito com ideologia e um contexto histórico para que possa produzir sentidos. O sujeito e a língua estão então submetidos à ideologia, sendo descentralizados (ORLANDI, 2005).

Como visto, o conceito de ideologia é de base para a AD. Entende-se ideologia como um conjunto de representações impostas por uma classe dominante que visam explicar e justificar a realidade, invertendo-a de acordo com seus interesses (FIORIN, 1998). Numa realidade capitalista, é fácil reconhecer o conceito de ideologia nas relações trabalhistas. O trabalhador não vende seu trabalho, pois ganha menos do que produz. Ele vende sua força de trabalho, sendo a diferença entre o que produz e ganha o capital. Ao receber um salário como pagamento pelo

trabalho, tem-se a ilusão de troca equivalente, que mascara a apropriação do valor gerado pelo trabalho não pago (FIORIN, 2005). Fiorin acrescenta ainda que:

Tudo isso denota que, no nível fenomênico, a realidade põe-se invertida. O que no nível profundo são relações de exploração (apropriação do valor gerado por um trabalho não-pago) aparece como troca; a opressão, como igualdade; a sujeição, como liberdade. As relações que, no nível da superfície, apresentam-se como relações entre indivíduos são, no nível de essência, uma relação entre classes sociais, uma que se apropria do valor produzido pelo trabalho não-pago e outra que vende sua força de trabalho e é espoliada (FIORIN, 1998, p. 27).

Ao conjunto de ideia de uma determinada classe social para compreensão do mundo chama-se Formação Ideológica, que impõe aos membros desta determinada classe o que pensar. A toda Formação Ideológica é inerente uma Formação Discursiva, que se refere à materialização da ideologia em discurso, ou seja, impõe aos membros desta determinada classe o que dizer. Essa materialização só é possível ao considerarmos a indissociabilidade da língua com o pensamento (FIORIN, 1998). O pensamento, se for considerado como reflexão subjetiva da realidade, pode parecer ser dividido em verbal e não-verbal. No entanto, tomando o pensamento humano pelo caráter conceptual, a linguagem é necessária. Logo, pode-se afirmar, de acordo com Fiorin, que o discurso materializa a ideologia. O autor ainda afirma que “as formações ideológicas só ganham existência nas formações discursivas” (FIORIN, 1998, p. 34).

2.2 DO CASO EM QUESTÃO

O texto analisado neste artigo, trata dos *prints* de uma conversa do aplicativo WhatsApp entre uma turma de acadêmicos do curso de Direito de uma instituição particular de ensino da cidade de Cascavel, no Oeste do Paraná, ocorrida no dia quinze de agosto de 2018. Alguns dos acadêmicos de posses desses discursos encaminharam a conversa para um site de notícias da cidade, CGN, que publicou o ocorrido já no dia seguinte. A publicação intitulada “Caso Tatiane Spitzner: conversa

‘desumana’ de alunos de Direito repercute” foi utilizada como fonte para o acesso aos *prints*.

A conversa faz menção à morte da advogada Tatiane Spitzner, de 29 anos, no dia vinte e dois de julho deste ano em Guarapuava, no Paraná. O corpo dela foi encontrado após a queda do 4º andar do prédio onde ela vivia com o marido, Felipe Manvailer. Após perícias das imagens das câmeras de segurança do prédio, que registraram Tatiane sendo agredida por Felipe momentos antes da morte, a Justiça Estadual do Paraná aceitou denúncia a respeito de um provável feminicídio (WRONSKI, 2018).

Tendo isso em vista, a conversa entre os acadêmicos iniciou após um deles enviar um vídeo com as imagens das câmeras de segurança do prédio, porém o que gerou revolta e repercussão foram alguns comentários machistas e desumanos que tomaram conta da conversa, como por exemplo “feminicídio não existe” e “se ela foi assassinada certeza que ela mereceu”. Os comentários revelaram um posicionamento questionável, haja vista que proferido por possíveis defensores da justiça (WRONSKI, 2018).

Diante dos expostos, guiando-se pelos pressupostos da Análise do Discurso, faz-se importante agora realizar uma análise que transpasse o nível estrutural. Os discursos proferidos pelos acadêmicos ativam diversas memórias discursivas sobre o papel social feminino e o modelo patriarcal de sociedade tanto no Brasil como no mundo. A sociedade patriarcal – que tem no homem o seu protagonista, com a imagem de forte e líder – é uma realidade histórica. A célebre autora Simone de Beauvoir, em sua obra “O Segundo Sexo” – marco inicial do discurso sobre a situação feminista – já discutia a função social feminina. A autora explica que, embora alguns teóricos acreditem que houveram sociedades “matriarcais”, onde a mulher era vista como comandante - a chamada “Era das Deusas” - , a mulher nunca realmente ocupou o espaço principal da sociedade. Como o sexo feminino era indiscutivelmente ligado à reprodução, as mulheres eram isoladas nos trabalhos domésticos, pois estes não atrapalham a maternidade (1967).

Para um entendimento mais fortuito do que foi apresentado, é importante traçar um breve histórico sobre o papel social da mulher durante a evolução da

sociedade ocidental. Para tanto, volta-se nesse momento à Grécia Antiga – berço da civilização. Nesta, toda a conduta e moral social eram dirigidas pelos homens, já que a vida da mulher era repleta das mais diversas restrições. O feminino era objetificado, e o papel único da mulher era a de conceder herança legítima. Logo, enquanto a fidelidade do homem era vista como apogeu moral de controle sobre si mesmo, a fidelidade feminina era obrigatória e vigiada (LIMA, 2010). Grande parte disso se dá porque a moral do período clássico era baseada principalmente em Aristóteles. Este, no livro primeiro de sua obra “Política”, já escrevia sobre o papel do homem e da mulher na “economia familiar”, ou seja, no lar. Segundo o autor:

É evidente, portanto, que ambos devem possuir virtudes, atendendo-se, contudo, a essa diferença que a natureza colocou nos seres feitos para a obediência. E isto de pronto nos leva à alma. Tem ela duas partes: uma, a que ordena, outra, a que atende – e suas qualidades são bem diferentes. Esta harmonia acha-se de modo evidente nos seres, e assim a natureza destinou parte deles a mandar e parte a obedecer (ARISTÓTELES, 2002, p.33).

Essa tradição patriarcal ganhou forças com a religião judaico-cristã, base alicerçal da construção da identidade ocidental. O mundo foi apresentado então ao Deus único e masculino, o Deus-Pai. A aproximação da figura do criador onipotente ao homem, bem como o mito de Adão e Eva (onde esta, além de ser criada à partir das costelas do homem ainda é a responsável pelo pecado original e, por decorrente, de toda a dor e sofrimento do mundo) fomentaram a ideologia de subserviência da mulher. Existiu então um afastamento do que é feminino do que é divino, e a mulher só alcançaria as graças de Deus negando sua própria identidade e jurando obediência ao homem (LIMA, 2010).

Disse também à mulher: “Multiplicarei os sofrimentos do teu parto; darás a luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sobre o teu domínio. E disse em seguida ao homem: “Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa (BIBLIA, 1980, p. 51).

Como se pode constatar desde os tempos mais antigos, a figura da mulher é marginalizada. Durante a Idade Média, principalmente no período inquisitório, a visão da mulher como o mal do mundo se acentuou. Prova disso foi a famosa “caça às bruxas”. Em um dos escritos mais famosos e controversos da época, o “Malleus

Maleficarum", em tradução do latim "Martelo das Bruxas", os teólogos dominicanos Heinrich Kraemer e James Sprenger citam maneiras de identificar e caçar mulheres acusadas de cometer magia negra, ou que não se limitavam aos dogmas patriarciais cristãos. A obra, encomendada pela bula papal "*Summis Desiderantibus Affectibus*" de Inocêncio VIII em 1468, serviu como justificativa para o assassinato de diversas mulheres (LIMA, 2010). Nela, é possível encontrar trechos como:

A maldade da mulher é tratada em *Ecclesiasticus XXV*: "(...) Eu prefiro viver com um leão e um dragão do que manter casa com uma mulher(...)" Por este motivo, S. João Crisóstomo afirma, no texto, "Não é bom se casar: o que mais é a mulher além de uma inimiga da amizade, uma inescapável punição, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejada, um perigo doméstico, um mal da natureza, pintada com cores suaves (KRAEMER & SPRENGER apud LIMA, 2010).

Não é de se admirar, portanto, que mensagens como as expostas na conversa de *Whatsapp* analisada como: "Lugar de mulher é rezando/ Limpando a casa/ lavando louça/ Ou cuidando das crianças/ E ponto/ Sem mais nem menos" ativem prontamente toda essa memória discursiva. Os discursos, embora pareçam chocantes ou únicos, são amplamente reproduzidos pelos mais diversos setores sociais, e a academia não é diferente. Após a repercussão do caso da turma de Direito a respeito do feminicídio, outras turmas tomaram voz e buscaram mostrar a realidade que enfrentam em seus cotidianos. No dia 17 de agosto, acadêmicos de Engenharia Civil da UTFPR, encaminharam ao noticiário local (CGN) prints que relatam publicações machistas por meio do grupo de *Whatsapp* destinado a informações a respeito do curso.

A imagem que possivelmente tenha gerado as discussões traz a mulher como objeto sexual. Quando questionado a respeito de seu comportamento perante a imagem da mulher na sociedade, o acadêmico alegou que as mulheres do grupo não sabem entender uma piada, dizendo que "Piada é piada não é preconceito ou machismo ou nada do tipo, é só uma piada" pressupondo, ainda, que as estudantes teriam algum tipo de "problema" por não serem capazes de entender a "inocência" e "ironia" de suas "piadas". É comum no atual contexto utilizar-se de piadas para manifestar-se preconceito contra grupos marginalizados, e a mulher não foge a essa regra.

Integrantes do grupo relatam que a questão já havia sido reportada a membros da instituição, mas que nenhuma providência foi tomada e que os acadêmicos seguiam com a mesma postura. Perante estas situações o Coletivo Feminista Mulheres Valentinhas – grupo feminista de acadêmicas da UTFPR do Campus Toledo, PR - se manifestou dizendo ser “inadmissível que as instituições de ensino não tenham políticas de combate às agressões e a esses tipos de violência. E também é inaceitável que a situação siga como está - como, na verdade, sempre foi” (CGN, 2018).

Se hoje parece ser inadmissível que um aluno que um acadêmico de cursos tidos como privilegiados, como o de Direito e de Engenharia Civil, reverberem discursos preconceituosos milenares, por qual motivo, então, estes continuam ilustrando os portais de notícias? Interpretando tais discursos à luz da Análise do Discurso, pode-se depreender que isso se deve ao fato de que, os acadêmicos, estando ou não cientes das ideologias que propagam, estão inseridos em uma Formação Discursiva e, por conseguinte, uma Formação Ideológica, e, como sujeitos, simplesmente reproduzem os valores de uma sociedade machista e misógina.

Pierre Bourdieu, em sua obra “A Dominação Masculina”, discorre sobre o *habitus*. Para o autor, o *habitus* compreende uma força simbólica (inerentemente violenta), que exerce poder sobre os corpos sem contato físico, mas no âmbito das predisposições morais (BORDIEU, 2002). Portanto, mesmo quando os sujeitos dos discursos se “desculpam” alegando serem piadas ou ironias, ainda temos aí uma reverberação da violência simbólica sistêmica, pois, como esclarece o autor:

As paixões do *habitus* dominado (do ponto de vista do gênero, da etnia, da cultura ou da língua), relação social somatizada, lei social convertida em lei incorporada, não são das que se podem sustar com um simples esforço de vontade, alicerçado numa tomada de consciência libertadora. Se é totalmente ilusório crer que a violência simbólica pode ser vencida apenas com as armas da consciência e da vontade, é porque os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações) (BORDIEU, 2002, p. 45).

Essa Formação Ideológica, vista por Bourdieu como *habitus*, é comumente encontrada nos dias de hoje dentro de ditos populares ou brincadeiras inofensivas.

Outro caso que explicita essa teoria ocorreu durante a Copa do Mundo FIFA 2018, sediada em Moscou, na Rússia. Num vídeo gravado e publicado em redes sociais, vê-se o advogado e ex-secretário de Turismo de Ipojuca, na época no PSB, Diego Valença Jatobá junto com outros três torcedores brasileiros cantando para uma jovem loira russa, que não entende nada da língua portuguesa. O grupo começa a fazer alusão sobre a cor de seu órgão sexual, e pelo fato da russa não entender o que estão falando, a moça apenas comece a sorrir e é encorajada a cantar junto com os torcedores. (JORNAL DO COMÉRCIO, 2018)

As palavras ditas pelos homens são bem claras, no início eles começam com a frase “Essa é bem rosinha”, logo depois as frases ficam mais pesadas, sendo “Buc... rosa! Buc... rosa!”. (JORNAL DO COMÉRCIO, 2018)

O vídeo foi visto por milhares de pessoas, algumas dizendo que os homens foram machistas, racistas e praticantes de assédio sexual. No entanto, muitos ainda falaram que isso foi uma brincadeira e que as músicas tocadas no Brasil, por exemplo, são extremamente piores. Pode-se perceber, então, que não é consenso social de que ações como esta são, de fato, machistas. Portanto, faz-se necessário pensar agora em quem são os sujeitos que discursam e quem são os sujeitos que aprovam este tipo de preconceito milenar.

Sombra (2015) conceitualiza sujeito como indivíduos (ou grupo de indivíduos) que podem ser identificados de maneira singular e que a eles pode ser atribuído valores morais específicos, dotados de uma narrativa e graduação de significados também específicos. No entanto, conceitos específicos como gênero, cultura, raça, orientação sexual e religião só fazem sentido quando amparados por uma rede maior de signos. Portanto, a especificidade dos sujeitos só pode ser reconhecida quando observada sob um panorama histórico-social.

Os sujeitos que discursaram o que o presente artigo se propôs a analisar são homens, em sua maioria brancos e provindos de famílias de classe média/alta, que se encontram num lugar de fala privilegiado, haja vista a histórica percepção dos cursos de Direito/Engenharia como sendo de formação de cidadãos melhores

situados economicamente. Mesmo estando em um antro acadêmico onde o conhecimento é, teoricamente, disseminado, estes sujeitos ainda estão atrelados à uma Formação Discursiva e Ideológica que reproduz preconceitos androgênicos milenares. Os discursos por eles proferidos ativam a memória discursiva de toda a ideologia da subserviência feminina, pautada na fundamentação clássica do ocidente e na tradição judaico-cristã de construção social patriarcalista.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face às considerações levantadas, foi possível perceber a contribuição da vertente da análise do discurso francesa no sentido de explorar um discurso, verificando cada componente linguístico e suas possíveis leituras. Destarte, o artigo em questão analisou os discursos presentes em uma conversa da rede social WhatsApp em um grupo de acadêmicos de Direito, onde estes, fazem menção ao caso Tatiane Spitzner. Tendo isto em vista, delimitou-se a analisar o notório discurso de cunho machista exibido nas mensagens, ainda que eu forma de chiste.

A partir dos apontamentos feitos no artigo, depreendeu-se que não se trata de um caso isolado, posto que, o meio acadêmico em geral ainda demonstra uma Formação Ideológica de base machista e preconceituosa, embora se esperasse dos discentes que apresentassem uma postura díspar, o contexto social, histórico e ideológico brasileiro, alicerçado nos ideais patriarcais ainda reflete nos dias atuais uma desvalorização à mulher. Ademais, inúmeras vezes não se leva em consideração que o discurso não carrega apenas as intenções do sujeito, mas sim a forma como ele é lido pelos e interpretado pelos demais. Sendo assim, há muito a ser discutido para que o sujeito comprehenda os silêncios apresentados pelo texto.

Porém, é de suma importância lembrar que esta é apenas uma das possíveis leituras que o discurso em análise pode apresentar, haja vista que houve a mobilização de conceitos específicos que geraram tal conclusão, ou seja, se fossem mobilizados outros conceitos, estes poderiam apresentar uma outra leitura.

Deve-se considerar que só foi possível elaborar tais apontamentos a partir do embasamento teórico apresentado pela Análise do Discurso Francesa, uma vez que

a bibliografia encaminha as etapas a serem pesquisadas, bem como desvenda as perguntas que o pesquisador deve responder durante o processo de análise. Assim, chegando à leitura proposta.

REFERÊNCIAS

- BORDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- SOMBRA, L. Identidade dos sujeitos: linguagem, constituição de sentido e valor *in Revista Sísifo*, n.1. vol.1. Bahia, 2015.
- LIMA, R. L. **O Imaginário Judaico-Cristão e a Submissão das Mulheres**. Fazendo Gênero 9, Diáspora, Diversidade, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto, 2010.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas/SP: Pontes, 2009.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. 3221 p.
- ARISTÓTELES. **Política**. 1.ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 2.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- LIOTO, M. **Novo caso de machismo em grupo de faculdade vem à tona**. Disponível em: <https://goo.gl/Cm14K4>. Acesso em 6 nov. 2018.
- WRONSKI, Fábio. **Justiça recebe denúncia e Manvailer passa a ser réu pelo feminicídio de Tatiane Spitzner**. 2018 Disponível em <<https://cgn.inf.br/noticia/306857/justica-recebe-denuncia-e-manvailer-passa-a-ser-reu-pelo-feminicidio-de-tatiane-spitzner>> Acesso em: 27 de outubro de 2018.
- LIOTO, Mariana. **Caso Tatiane Spitzner: conversa ‘desumana’ de alunos de Direito repercute**. 2018. Disponível em <<https://cgn.inf.br/noticia/308236/caso-tatiane-spitzner-conversa-desumana-de-alunos-de-direito-repercute>>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Advogado Diego Valançá Jatobá**, Disponível em: <https://goo.gl/yyZ84El>. Acesso em: 24 de outubro de 2018.



Saberes Docentes, Diversidade e
Inclusão na Escola, Práticas Pedagógicas
Inovadoras e Gestão Educacional

2º Congresso Internacional de Educação
7º Congresso de Educação da FAG

13 a 17 de Maio de 2019 - ISSN 2318-759X